Ano 3.º ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ Aveiro, 21 de Agosto de 1913 ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ Numero 131

A LIBERDADE

Alberto Souto
Director

Republicano-Democratico

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

Propriedade da Empreza A LIBERDADE

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

Edição do DIRECTOR

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Os factos

Ainda que o facto pese aos detractores de oficio, aos apaniguados do regime deposto, aos assalariados de causas varias, o pais entrou definitivamente num caminho de progresso e de alforria. Sente-se por toda a parte uma vida nova. Palpitam energias que se supunham extintas. Pululam seivas denunciativas de forças esplendidas e de frutos magnificos. O povo, o bom povo patriota, na comunhão absoluta com os destinos da nacionalidade e com o futuro das novas instituições, sente-se bem a dentro dum regime que lhe restitue os elementos indispensaveis ao seu avançar e ao seu triunfo. O povo reconhece que tem hoje tudo o que debalde pediu em largos seculos de monarquia. O povo compreende que lhe era impossivel divorciar-so dum sistema politico -- o unico em que encontra a integração plena dos seus anceios, a objectivação absoluta dos seus desideratos.

A realeza, teocratica e absolutista por principio, por principio antagonica com toda a emancipação e toda a liberdade—reduzira a população portuguêsa á massa incaracteristica e inerte de que ela dera provas flagrantes durante o regime constitucionalista. Foi precisa a propaganda republicana, foi indispensavel a missionagem dos caudilhos da democracia, para que todo um pais principiasse a reconhecer a ignominia moral a que o haviam acorrentado algumas dezenas de anos de devoção fradesca e de degradação consular. O sistema das clientelas. o suborno das influencias, a compra dos homens, a venalidade dos cargos, os esbanjamentos dos dinheiros publicos, as fraudes orçamentais, haviam capacitado o sentir colectivo de que Portugal caminhava, e caminharia a despeito de todos os esforços, para a liquidação e para a falencia. Um momento houve em que, numa quasi demencia colectiva, se alvitrou um protectorado como uma fórma digna de atalhar a derrocada!

E não se via, não se queria vêr, que comquanto muito do mal, do grande mal de que sofriamos, residisse medularmente na constituição da raça e no determinismo a que ela conduz, outra parte, a maior, assentava justamente na educação jesuitica ambiente e nos vicios e crimes a que ela forçava os homens que erguia ás esferas do poder. Não se queria reconhecer que os erros e descalabro da nossa vida economica e mercantil tinham como base o inquinado regime politico a que Portugal se enfeudára.

Só a propaganda republicana, a missionagem democratica, tiveram então o condão de, a primeira vez, lograrem despertar na consciencia do povo e a esperança, na consciencia do povo a esperança, a breve trecho convertida em certeza, de que apenas pela mudança radical na formula politica seria possivel fazer seguir o paiz por um caminho de honra e de prosperidade. A destituição da realeza e dos seus privilegios apresentou-se ao povo como a solução unica nacional. Toda a vida portuguesa se hipotecára à corôa. Toda a vida do paiz se prendera ao paço.

Monarquia e clericalismo, associados velhos, cumplices historicos, surgiram perante o paiz como dois inimigos que urgia combater *á outrance*, leoninamente, encarnecidamente. Contra eles foram assestadas todas as armas. O libelo organisado era tremendo, a acusação cerrada, o *dossier* processual formidavel. Os ecos das ultimas *etápes* da campanha ainda se não extinguiram de todo; ficarão na historia como um exemplo e uma lição.

Nos derradeiros anos da realeza descera-se tanto, o regimen envilecera-se a tal extremo, que os seus proprios sustentaculos tinham pejo, tinham vergonha de fazer a defeza daqueles a quem por dever de oficio lhes cumpria manter. O ataque ás instituições, implacavel, obstinado, partia dos proprios sustentaculos do trôno. Diziam tudo do rei e do regimen. Um estante houve em que, vexados, sem forças, os deixaram ao abandono. Não esqueceu ainda, e não esquecerá mais, aquela sessão das camaras em que todo um ministerio das direitas, posto em cheque o regimen, quando contra ele se erguia a mais formidavel e demolidora das acusações, abandonou o parlamento, desertou, corrido e desmantelado!

Monarquia sem monarquicos era esta e assim, expressivamente, a classificara alguem que conhecia, como poucos, os homens a quem estavam entregues as chaves do poder. Ninguem confiava no sistema nem nos individuos que o serviam. Tudo, pouco e pouco, pela corrupção ambiente, pela tradição, pelos habitos, se empeçonhára no mesmo virus. As mais claras inteligencias, os caracteres mais nobres, dificilmente triunfavam do contagio deleterio. A lepra irradiára. E o paiz assistia a tudo isto, interrogativo, hesitante, desesperançado.

Surge, entretanto, a propaganda revolucionaria, e principiam, lento e lento, a dissipar-se as apreensões do futuro. O povo convenceu-se de que alguma coisa lhe era licito tentar com exito. Nem tudo estava perdido.

Assim era, de facto. 4 e 5 de outubro de 1910 resgataram e vitalisaram uma Patria. O governo provisorio da Republica Portuguesa impô-la como um exemplo de democracia. A obra vasta do atual ministerio, e a tarefa colossal em que se empenha o chefe do governo, marcarão na historia do paiz uma era inapagavel.

No Rio de Janeiro

"Grupo de Defeza de Portugal,,

Um jornal do Rio de Janeiro conta que um numeroso grupo de republicanos portuguêses, residentes naquella cidade, acaba de fundar uma agremiação politica subordinada ao titulo que nos serve de epigrafe. Esse grupo, composto no seu maior numero de negociantes da praça comercial do Rio de Janeiro, dispõe-se a não só tratar de assuntos tendentes a melhorar a colonia portuguêsa residente no Brazil, como tambem obedecerá aos seguintes fins:

1.º—Defender em todos os campos a integridade da Patria Portuguêsa;

2.º—O «Grupo Defesa de Portugal» é politico, mas não partidario e dará o seu apoio politico, financeiro, fisico e mental ao governo ou governos que melhor interpretarem os seus deveres tendentes a tornarem Portugal nação forte e respeitada;

3.º—Oportunamente o «Grupo de Defeza de Portugal» promoverá nas duas Americas uma forte reacção de caracter financeiro que terá por fim angariar a soma bastante para o pagamento da divida flutuante portuguesa e ainda para a reorganisação da nossa marinha de guerra;

4.º—«O Grupo de Defeza de Portugal» indicará aos sufragistas portugueses e defenderá em todos os campos a candidatura a deputados ao Congresso portugues daqueles membros da colonia portuguesa que nas duas Americas mais se distinguirem na defeza da Republica portuguesa.

Aventureiros no Brazil

Lê-se no *Correio da Noite*, do Rio de Janeiro:

E' inaudita a desfaçatez e profunda a vilania com que certa gentalha escorraçada, por indigna de Portugal se abalança ignobilmente a vir para o Brazil exercer a sua acção dissolvente, confiada em acolhimentos lisonjeiros que essa acção lhe tolerem e em apoios ostensivos que a mesma estimulem. A campanha insistente, sistematica, irritante, horrivelmente brutal, desenvolvida por certos elementos, de todo desintegrados da nova e gloriosa corrente de resurgimento que iniludivelmente opera e constata em Portugal, encontra aqui, com efeito, o que é muito para entristecer e lamentar, grande incitamento e insolita proteção da parte, principalmente, de certos jornalistas, os quais deveriam ser os primeiros a procurar com ardor restabelecer a verdade dos factos para dessa fórma se imporem á consideração do publico sincero e imparcial, tornando-se assim tambem simultaneamente fortes, fecundas e nobres correntes de regeneração moral e social, humana portanto. Um facto recente vem autenticar insofismavelmente aquilo que acima fica relatado. E vem a ser que Homem Cristo, filho, por manifestos intuitos de reclamo e obedecendo a instintivos impulsos de tortuosos principios de moralidade e brio, fez espalhar, em certa imprensa, ter sido recebido em audiencia especial pelo presidente da Republica, quando, apenas foi recebido em audiencia publica, servindo-se para isso de um cartão comum de ingresso no palacio. Eis o que referentemente a isso diz o «Diario Oficial» de ontem:

«Da secretaria da presidencia da Republica. O sr. Homem Cristo, filho, não foi recebido em audiencia especial pelo sr. marechal Hermes da Fonseca. Esse jornalista obteve um cartão de ingresso em palacio, na audiencia publica».

Nada mais elucidativo nem mais concludente, para se avaliar das vis intenções com que essa gentalha, que Portugal escorraça, mantém, tornando-se evidentemente indigna de qualquer consideração sincera ou de qualquer apoio louvavel. E quando essas criaturas corruptas, incapazes de se elevarem por merecimentos autenticos e fortes, e, recorrendo, portanto, para meios infimos e condenaveis, aqui, onde as coisas imediatamente se podem aclarar, teem o inaudito descaramento de deturpar a exatidão dos factos e de urdir abominaveis ciladas, imagine-se o que eles farão com o que se passa em Portugal, visto que, sendo a distancia tão grande, por isso mesmo se presta ás mais tetricas e desencontradas versões ácerca da vida que atravessa, dos fins que o dominam e do futuro provavel que o espera. Urge, portanto, que esses aventureiros, convertidos em réles difamadores da Patria, por ela escorraçados e dela indignos, sejam convenientemente compreendidos e tratados, a fim de que tristes e lamentaveis factos possam evitar-se e belas e gloriosas obras de profilaxia moral e social atinjam realisação triunfante.

Do Brazil

Um concurso hipico no Rio de Janeiro com a cooperação de oficiais portuguêses

Rio de Janeiro, 20—Trata-se de organisar aqui um concurso hipico em meados de setembro, e consta que será convidada uma *equipe* de oficiais de cavalaria portuguêsa.

Pinto Quartim

Deve ter embarcado hoje a bordo do paquete *Ildebrand* para o Rio de Janeiro, o preso politico Pinto Quartin, sendo acompanhado por sua esposa e filho.

Como se sabe, Pinto Quartim foi expulso de Portugal pelo praso de 10 anos.

Extraordinaria CORRIDA DE TOUROS

Como oportunamente se anunciou, é no proximo domingo, 24, que na praça da Palmeira, se realisa a tourada promovida pelo sr Antonio Souto Ratolla, e tudo nos leva a crer que ha-de ser uma das melhores aí realisadas, pois que entram nella elementos sobejamente conhecidos e apreciados nas praças do paiz.

O cavaleiro, Morgado de Covas, já conhecido do publico aveirense, mais uma vez nos mostrará como sabe encantar-nos com a sua lide, fazendo-nos seguir todas as evoluções em torno do touro que lhe cabe.

Como bandarilheiros tomam parte Daniel dos Santos, Manuel dos Santos, artistas conhecidos em todas as arenas, e *Punteret* o incansavel peão de brega que acompanha Morgado, e distinto bandarilheiro.

Manuel dos Santos, arrojado e incansavel peão, que fará a sorte de cadeira.

Daniel dos Santos, audaz e sempre pronto em todos os quites, que dará o salto de vara.

Agora falta-nos falar de F. Rocha e Mateus Falcão, os bandarilheiros amadores, mais em evidencia no paiz, que assombram as multidões, com os seus soberbos e elegantes cambios e trabalhadores incansaveis.

Temos o D. Tancredo, feito pelo hespanhol José Garcia e um valente grupo de forcados capitaneados pelo destinado Martinho, do Porto.

Do conjunto faz tambem parte o promotor da corrida sr. Antonio Souto Ratolla.

E' pois de esperar que no domingo a praça se encha, não só para apreciar a lide dos estimados artistas, e amadores, como para fazer uma manifestação de simpatia a Morgado de Covas que, vindo por deferencia abrilhantar a corrida que Souto Ratola promove, promete com a maior boa vontade e gentileza, vir inaugurar a nova praça que aí se pretende fazer e para a qual se anda angariando dinheiro por meio de ações de 50 escudos, e que esperamos dentro em breve seja uma realidade para melhoramento desta terra, que em tempos idos, ali no Rocio, teve uma praça por onde passaram Robertos, Calabaças, Peixinhos e tantos outros toureiros distintos.

Abrilhanta a corrida a filarmonica José Estevam.

Os bilhetes já se encontram á venda nos estabelecimentos dos srs. Valeriano de Lemos, Bernardo Torres, Ricardo Campos e Trindade & Filhos, até ás 12 horas de domingo, e de essa hora em diante na bilheteira da praça.

RAFAEL ALTAMIRA

Noite de Nupcias

Rafael Altamira é um dos mais pujantes talentos da Peninsula e um dos mais cultos espiritos do paiz vizinho.

Cathedratico eminente, os seus trabalhos scientificos dão-lhe o logar de um verdadeiro mestre.

A literatura espanhola tem em Altamira um cultor que como poucos sabe pintar docemente, em pequenas e leves descriç ões, entre tristes e carinhosas, scenas de ternura como esta da Noite de Nupcias.

Fechada a porta da alcova, ficaram sós maridos e mulher.

A luz era escassa e extranha, resultando da lucta que no gabinete visinho sustentavam as velas do candelabro e os raios da lua, que as vidraças da sacada deixavam passar. Mas os recemcasados viam-se bem, observando-se mutuamente, expiando cada qual, no semblante do outro a expressão dos sentimentos que o deviam agitar.

Coisa extranha! Nem a mulher nem o marido pareciam experimentar essa perturbação particular dos enamorados, quando se encontram sós pela primeira vez.

Ela estava ligeiramente ruborisada; mas, nos seus olhos, não brilhava mais do que uma curiosidade mesclada de receio e de tristeza. Sentada na cama, com as costas apoiadas nos almofadões e o busto vestido com um roupão muito branco, abotoado até ao pescoço, não parecia uma noiva, mas uma simples mãe, ainda abalada pelas dôres com que lhe dilacerou as entranhas o filho adorado.

Tambem o homem parecia doente. Palido e indeciso querendo sorrir, mas não atingindo mais do que a expressão de uma doce e compassiva ternura, tomou logar a um lado da cama e colheu entre as suas uma das mãos dela.

—Graças a Deus, Rosario da minha alma!—disse ele, aparentando alegria.—Já nos deixaram, e podemos contemplar, frente a frente, a felicidade da nossa vida, alcançada emfim. Não é verdade, Rosario?

Depois de ligeira pausa, ela respondeu, timidamente:

—Sim, Tomaz.

— Estás cançada?... Queres que conversemos um pouco?

—Sim, conversemos. Ia pedir-te que conversassemos.

Miraram-se, receosos, como que desejando adivinhar-se as ideias.

—E, que tens tu que me dizer? —perguntou ele, por fim, com voz levemente ironica. De certo, é o que eu tambem quero dizer-te... Pois não te cedo a primazia; ou, melhor, vamos dizêl-o a duo. Verás.

Ergueu-se, fingindo desembaraço, e tomou entre as suas as mãos da mulher.

—Vamos, dize comigo: Quero-te muito, adoro-te; toda a minha vida tenho anceado por este momento, e sou tua, muito tua...

Semelhante á arvore que se quebra com uma subita rajada, Rosario caíu nos braços do marido, escondendo o rosto, sem poder reprimir os soluços.

—Minha filha! Minha vida! Que é isso? Que tens?—exclamou ele, afastando-a de si, para a poder ver.

Então, voltam os enternecimentos? Que criancice a tua! Anda, olha para mim.

Levantou-a, sentando-se a seu lado, na borda da cama.

—Então, isso é bonito?—acrescentou, ocultando-lhe a sua perturbação.—Parece-te galante receber um marido, com lagrimas? Tanto te pésa haveres casado?

Ela olhou-o, como que perguntando-lhe se falava a sério; e brilhou-lhe nos olhos um clarão de tal fórma apaixonado, que Tomaz, amparando-lhe a cabeça, beijou-a nos labios.

—Ai! Não, não!—gritou ela.—Na boca, não. Não me beijes na boca.—E voltou a cara para o lado.

Ele ficou sem saber o que dizer, e concluiu, balbuciando:

—Porquê?

Ela tornou a olhál-o, e, de repente, decidiu-se a falar:

—Não, eu não posso consentir que me beijes. E' uma loucura, amor da minha alma. Pois não sabes melhor do que eu, que estou doente, que em breve morrerei e que o meu mal se contagia facilmente?... Nunca. Que horror, se te deixasse ferido como eu, irrevogavelmente, sem esperança!... Não protestes. Sei tudo: segui, passo a passo, o teu pensamento, conheço a tua abnegação carinhosa, e consenti, para te agradar e... porque te adoro, porque não quero ir-me sem ser tua mulher. Mas, a loucura tem limites, Tomaz. Sabes que morro: sabes, e não queres que eu o suspeite. Para isso casaste e pretendes continuar a meu lado, sem te deteres na repugnancia que uma pobre enfêrma produz, sacrificando tudo, até a vida, dizendo-me palavras de amôr, quando no intimo as pensas de compaixão fazendo-me acreditar que não tenho nada, que viveremos felizes anos e anos, por muitos anos mesmo... Já basta o que basta. Começa agora o meu dever. Adoro-te com toda a minha alma; devo-te a felicidade dos meus ultimos instantes, mas não quero levar-te commigo. Sê meu enfermeiro, dize-me sempre que me queres, que não esquecerás a minha memoria; mas, deixa que eu defenda a tua vida, que te prive desta solidariedade com a minha morte... Para quê, se já sabes que não o ignoro?

—Mas, se isso é mentira, mentira!—gemeu ele, desesperado, beijando-a na fronte.—Estás delirando! Não tens nada: has-de curar-te, e eu não corro perigo algum. Ah! Não me enganes!—acrescentou, procurou na recusa dela um outro pretexto.—Dizes tudo isso, porque não me queres, porque repeles as minhas caricias! Quem te desenhou na imaginação esse quadro das minhas abnegações? Não ha abnegações, Rosario, ha amor; e eu não sou marido de uma pobre morta, mas de uma viva, que talvez esteja aborrecida de mim.

—Cala-te, cala-te!—murmurou ela em voz baixa.—Tudo isso me faz um mal horrivel. Seria tão feliz, se pudesse ser tua companheira, muito, muito tempo!

Ele tentou de novo convencêl-a. Estreitou-a amorosamente, com um gesto arrogante que desafiava o perigo, o tornou a beijál-a na boca. Rosario não poude resistir; mas, continuou chorando e suplicando.

—Não, por Deus, meu Tomaz! Não, não, que te estás matando por mim! Vais sofrer horrivelmente, como eu tenho sofrido. Deixa-me. Já fizeste tudo o que podias: rodear-me de infinito carinho nos ultimos momentos... Não os amargures, dando-me neles a aflição de ver que vais herdar o meu mal.

—O teu mal!—insistiu ele.—Mas, se ele não existe! Julgas meter-me mêdo?

E o seu olhar exprimiu tal confiança, tal desprêso da morte, como se esta fosse um sonho, que Rosario duvidou um instante se aquela atitude e aquelas palavras eram mostra de nobre heroismo ou afirmativa de uma segura e provada convicção.

Brilhou-lhe nos olhos um relampago de esperança, e entreviu o panorama delicioso de um porvir, longo e tranquilo. Isto só, bastou para a serenar, para a fazer pensar na sua desgraça, com uma doce resignação, que lhe acalmou a febre e a deixou gosar plenamente a situação daquele momento.

Sem nada responder, mas falando intimamente comsigo mesma, com tal vivacidade que lhe parecia a sua voz resoando no éco da alcôva, esteve muito tempo assim, com a cabeça apoiada sobre o hombro de Tomaz, estremecendo nervosamente.

Por fim, ergueu-se, mais serena, sorridente quasi:

—Tenho somno—disse—mas fatiga-me estar deitada . . . Não queres ser meu marido ? Pois, verás . . . Deixa-te estar aqui a meu lado ; eu apoiarei a cabeça em ti e dormirei tranquila . . . Dá-me a tua mão; não a retires. Assim . . . Queres estar assim ? Parece-me que uso dos meus direitos de esposa . . .

Tomaz colocou-se mais comodamente, amparou-a pela cintura e ficou silencioso. Uma delicia imensa lhe enchia o peito: e, perante a alegria de fazer feliz aquela pobre creatura que morria, esqueceu a amargura da situação.

Sentia-lhe a respiração irregular, o calor febricitante do corpo, e parecia-lhe ter nos braços uma filha que não provoca o mais leve impulso de volupia. Só uma coisa o entristecia. Não tinha conseguido completamente o seu fim, que era ocultar-lhe, entre arrebatamentos de paixão, a terrivel sentença que nela se ia executar.

—Não o soube fazer !—monologava. Percebeu tudo.

E experimentou esse desasocego das grandes almas, quando notam que se lhes vê a grandeza, quando lhes pretendem ferir o pudor da sua modestia com o louvor e o agradecimento.

Umas após outras, passaram as horas da noite. E Tomaz sofreu, nessas horas, por toda a sua vida. Recordou, ponto por ponto, os seus sonhos de amante, esses arroubos tão desejados, a espera impaciente do primeiro abraço amoroso. Aquele corpo enfraquecido e febril, que ali estava abraçando, era o que ele tinha anceado possuir, respirando juventude e vibrando da felicidade e de paixão.

Mentalmente, repetia, uma a uma, com a ancia das evocações, as caricias em que mil vezes tinha pensado, as acentuações suaves, carinhosas e ternas, que prepára. Mas, não era despeito irritado o que sentia, ao vêr toda a sua ilusão desfeita e perdida, todos os gosos antecipados, agora impossiveis e sem partilha; não o torturava qualquer excitação dos sentidos. Os ardores da juventude tinham passado: restava só a amargura triste, mas serena e pura, pelo bem perdido e pela desgraça imensa que se aproximava. Não pensou em si, na sua qualidade de amante, apagada para sempre, mas nela, na pobre mulher que morria, com o desespero silencioso e profundo de quem parte sem realisar as suas mais queridas ilusões.

E aquela consolação, que ele lhe procurava, rodeando-a do seu carinho até ao ultimo instante, produzia-lhe um suave contentamento intimo, banhando-lhe a alma como se fôsse um balsamo que fechava a ferida e amortecia as dôres.

Voltou inteiramente á pureza e á elevação de sentimentos, que o guiaram em toda a sua farça, não menos piedosa por lhe ter falhado o exito. E, vendo-se mais como irmão do que como marido daquela mulher, renunciou a continuar no seu empenho, pois não podia enganál-a, e resignou-se a desistir das suas caricias, para não ferir as susceptibilidades da enferma nem lhe suscitar remorsos que perturbassem o derradeiro olhar da sua agonia.

Ao amanhecer, Rosario ergueu a cabeça. Não tinha dormido, mas iluminava-lhe o rosto uma alegria imensa. Durante toda a noite, o braço do seu marido, do seu Tomaz, tinha-lhe sentido b[illegible] umas [illegible] bater o coração, [illegible] vezes, sereno e compassado, outras, inquieto e alterado.

A mulher tinha sonhado mil ilusões, e todas lhe pareciam possiveis e proximas; mas nenhuma, apesar de todos os esforços da sua imaginação, excedia a realidade daquele abraço estreito, dulcissimo, que lhe recordava os de sua mãe e daquela intimidade dos dois corpos, fazendo-lhe parecer que tinha o seu defendido e fortificado contra a morte.

Apartando-lhe o cabelo em desalinho, fitou-o com avidez, com uma ternura cheia de profundo reconhecimento, com mais amor do que nunca sentira, mas com um amor que não era o que Rosario nos seus desvarios de creança inocente, que se vê perturbada pelos presentimentos da paixão—se lhe havia figurado que era o amor de marido e mulher.

Sorriu com a boca, com os olhos; e, como ele fizesse um movimento, que Rosario interpretou mal :

—Não—disse.—Tu não me beijas . . . mas eu, sim . . .

E colou a boca sobre a fronte do marido, em um beijo silencioso, intenso, apaixonado, interminavel . . .

Aquele beijo compensou-o de todas as volupias perdidas.

Raíael Altamira.

COMPRAI

O Almanaque da Liberdade

O TURISMO

O Turismo e a sua influencia na situação economica do paiz. O que pensou um grande estadista. O Estado e o turismo. Protestos platonicos e resoluções praticas. O turismo e os rendimentos do Estado. O turismo e o nosso comercio e industria. A industria das curiosidades. Venda de curiosidades a bordo. Necessidade de se proceder á sua regulamentação. O turismo e os cambios. A educação pelo turismo. Conclusões

Nenhuma duvida resta no nosso espirito, de que a situação economica do paiz ha-de melhorar consideravelmente, se imitarmos o que muitas nações teem feito pelo turismo. A vinda dos viajantes ha-de influir nos rendimentos do Estado, no desenvolvimento do comercio e industria e nos cambios, diz-nos o sr. Anselmo de Andrade, ao que nós acrescentaremos que servirá tambem como elemento de educação.

Aos olhos de alguem que foi um grande estadista da monarquia e que a maledicencia publica, instigada por politicos crapulosos, de valor negativo, abocanhou até aos seus ultimos momentos, não passou despercebido o valor do viajante, na economia duma nação que o receba.

«Evidentemente Lisboa lucraria enormemente se pela afluencia de passageiros e viajantes aqui ficassem quantias avultadas. Viajantes poderiam vir se fosse Lisboa uma estação de inverno com todos os jogos e recreios proprios das cidades desta ordem».

Quem é que fez caso do seu alvitre e de tantos outros, que apenas serviram para açular contra esse altissimo espirito, as matilhas dos mediocres do seu tempo ?

Só 17 anos depois é que vem o Estado interessar-se pelo turismo, não tendo até esta data feito mais do que, uma ou outra vez pela boca do Ministro das Obras Publicas, reconhecer com protestos meramente platonicos, com uma visivel falta de sinceridade, nas sessões comemorativas da Sociedade de Propaganda de Portugal, que lá se ia arrastando conforme podia, que sim, que o turismo era uma grande coisa, que Portugal reune todas as condições para o explorar, etc. etc. Todo o palavreado oficial, mas isto de propôr um subsidio para a Sociedade de Propaganda de Portugal, num paiz onde tanta coisa inutil recebe auxilio do Estado, ou fazer intervir este na vida do turismo, *duma forma efectiva e pratica*, é que não passou pela cabeça desses estadistas, naturalmente preocupados com outros problemas mais importantes . . .

Talvez que esses ministros não tenham pensado no mal que resultou para o paiz, da sua pouca atenção pelo turismo, que nos atrazou bastantes anos dos outros paizes, sendo agora muito mais dificil vencer a distancia que deles nos separa, e entrar com probalidades de exito na luta que se está ferindo, cada vez mais aspera, entre as nações, para aumentarem a sua clientela de viajantes estrangeiros.

Como é que aumentam os rendimentos do Estado com aflu[illegible]ncia dos viajantes ?

A participação do Estado nos lucros do turismo tem logar, duma forma directa, em virtude não só dos impostos de transito e outros quaisquer exercidos indirectamente, mas tambem da exploração de certos serviços, como caminhos de ferro, venda de estampilhas, etc., e, duma forma indirecta, em consequencia dos impostos desta natureza, que resultam dum acrescimo de população e do desenvolvimento economico que ele provoca.

A vinda dos viajantes concorreria grandemente para o desenvolvimento do nosso comercio e industria, diz-nos, com razão, o sr. Andrade. Ela produzirá, fatalmente, as grandes obras de engenharia e de arte, estradas, pontes, hoteis, casinos, caminhos de ferro, funiculares, estações, gares, lagos, jardins, tudo emfim, que tanto necessitamos e que estamos impossibilitados de levar a cabo, sem um estimulo poderoso que anime os nossos capitais, refratarios a tudo quanto não seja o papel do Estado e a hipotecasinha a tantos por cento.

Sem ambicionarmos um numero tão grande de visitantes, como a Italia e a Suissa tem presentemente, e contentandonos com os 200.000 da Noruega, teriamos em Portugal, todos os anos, 200.000 bocas, a mais, a alimentar, e ninguem porá em duvida que este facto não tenha uma altissima significação. Devemos notar que se não trata de 200.000 pessoas pobres que se alimentem a batata e a milho, o que representaria para nós umas arrobas e alqueires a mais desses produtos, mas pessoas ricas, costumadas a tratar-se bem, exigindo á meza dos hoteis ou das pensões, onde se sentarem, boas iguarias, bons vinhos e boas frutas.

O turismo aumenta o consumo e por conseguinte a produção agricola e industrial.

Seriam 200.000 pessoas a provarem os nossos vinhos, os nossos azeites, as nossas frutas, as nossas aguas minerais. Bem sabemos que ha hospedes conservadores, que apenas bebem certos vinhos e usam certas aguas. Ha sempre, porem, forma de obrigar um hospede renitente a servir-se doutras marcas.

Está na mão do creado do hotel, que, quando esperto vale mais do que o mais habil caixeiro viajante e que, á hora das refeições, quando o hospede recen-chegado passar, hesitante, os olhos pela lista dos vinhos, se lhe segredar ao ouvido com um ar de quem dá um belo conselho, «Colares, s'il vous plait», ou «Vidago water, sir», em 100 casos, noventa, pelos menos, o freguez porá de parte a ideia de qualquer outra marca, e seguirá o alvitre do creado . . .

Mas isto não é comnosco, mas com os comerciantes de vinhos e agricultores, emprezas de aguas, etc. A estas entidades pertence zelar pelos seus negocios, guerreando-se entre si, é certo, mas em todo o caso, e isto é o que nos interessa, associados, naturalmente, contra a mercadoria estrangeira.

E' assim que, melhor do que pelos nossos caixeiros viajantes, podemos fazer conhecidos dos estrangeiros, os muitos produtos bons que a nossa terra produz, dependendo do patriotismo dos proprietarios de hoteis ou seus dirigentes o *lançar* das nossas conservas, das nossas frutas secas, dos nossos doces, vinhos, azeites, aguas minerais, e tantos outros artigos, que eles poderão uzar nos seus estabelecimentos, de preferencia aos estrangeiros.

Hoje, como se sabe, já se não viaja com carregações de vestuario. Quem examinar o guarda-roupa duma pessoa muito viajada, encontrará objectos de vestuario e *toilette* das mais proveniencias, colarinhos de Baden, camisas de Londres, gravatas de Berlim, chapeus de Madri[illegible], artigos adquiridos nas s[illegible] sucessivas viagens por ela efe[illegible]tuadas.

Porq[illegible] que é que os estrangeiros não [illegible] hão-de comprar aqui, tambem, os artigos que necessitam ?

A's lojas, que se abrirem nos Estoris, está reservado um futuro brilhante. Os grandes hoteis que aí se hão-de construir vão ser frequentados por um grande numero de hospedes que ha-de constituir uma seleta *smart* freguezia. As festas, os bailes, os *pic-nics*, os jogos, todas as diversões proprias de gente ociosa, representam o ganho dos que trabalham para viver.

O comercio e a industria ainda tem, entre nós, no turismo, um vasto campo de exploração, que, lá fóra, tem sido cultivado com exito, e que aqui, posto que não seja inteiramente desconhecido, não tem, contudo, produzido os resultados que seria para desejar. Referimo-nos á industria do *bibelot*, de objetos com caracter local, vendidos a preços insignicantes e que o estrangeiro tanto gosta de comprar.

A Suissa e a Italia, inundam os mercados com objectos com caracter local . . . inventados pelos seus artistas. A Alemanha vai mais longe, fornece aos outros paizes que não tem objectos com cunho nacional, curiosidades artisticas desses paizes com cor e sabor locais, sendo assim, que em Zanzibar ou Port-Said, por exemplo, o estrangeiro que, muito satisfeito, julgando comprar um autentico produto de manipulação indigena, paga um shiling por um tecido arabe ou por um colar de pedras . . . zanziberianas, outra coisa não faz senão aumentar a exportação da Alemanha, fornecedora de quanto tecidos arabes e colares de pedras zanziberianas andam por esse mundo . . . !

Nós vendemos por aí a trouxe-mouxe, com a orientação que pômos em tudo, que é nenhuma, umas insignificancias que apenas servem para nos envergonhar.

Ninguem pensou ainda em crear entre nós semelhante industria, nos termos em que ela o deve ser, abrangendo diversos artigos que, convenientemente apresentados aos estrangeiros, serão objectos duma grande procura.

Tal comercio será exercido não só em terra, nas diferentes localidades frequentadas por estrangeiros, mas tambem nos proprios vapores que ancoram nos nossos portos, á semelhança do que sucede lá fora.

O Conselho de Turismo, não lhe tendo escapado a importancia dessa industria, quando, devidamente exercida a bordo, ocupou-se numa das suas sessões do ano passado, da regulamentação dessas vendas, chegando até a ser discutida uma proposta, para que a Repartição do Turismo montasse, por sua conta, um serviço de venda de curiosidades do paiz, orientando e dirigindo o seu fabrico. A ocasião não era favoravel a que o Conselho de Turismo tomasse uma qualquer resolução definitiva, tendo sido posta, provisoriamente, de parte.

Segundo o nosso modo de ver ficaria resolvida a questão se esta proposta tivesse vingado, porque teriamos assim um orgão que superiormente dirigiria a manipulação dos diversos artigos e que poderia crear, afinal, uma industria de verdadeiras curiosidades nacionais, antigas e modernas. Na proposta apresentada ao Conselho alguns objectos se mencionavam que deveriam chamar as atenções dos estrangeiros e que poderiam ser vendidos aos milhares, como azulejos brazonados, miniaturas em metal dos nossos candieiros de azeite, tinteiros pombalinos, imitações de faianças antigas, etc.

Seriam objectos com cunho e cor locais que, a franco ou shilling, ninguem deixaria de comprar.

As nossas filigranas, as rendas de Peniche e Viana, as imitações dos tapetes de Arraiolos, todos estes artigos teriam, sem duvida, larga venda.

Assim, como para aí está montado esse comercio, limitado a bilhetes postais ilustrados e ás louças das Caldas, pouco ganham o paiz e aqueles que nesse comercio se empregam.

Seria por isso muito para desejar que alguem, com inteligencia e com iniciativa, se propuzesse exerce-lo em larga escala, servindo de intermediario entre o produtor e o vendedor de retalho, fornecendo ao primeiro os modelos dos artigos a crear.

Uma exposição, com bons premios, de artigos nacionais, destinados a este comercio, seria um alvitre a pôr em pratica. A ela concorreriam os nossos melhores artistas que, sem a menor duvida, haveriam de apresentar magnificos modelos.

A influencia do Turismo nos cambios explica-se facilmente. O paiz recente-se de ha muito duma grande escassez de oiro, que constitue uma das muitas preocupações dos ministros encarregados das finanças, sendo uma das verbas que mais oneram o orçamento do Estado, o premio do oiro, pelo que varias vezes para lhe fazer face, tem sido alvitrado o pagamento dos direitos pautais em oiro, expediente com que o Estado facilmente beneficia mas que representa, para o contribuinte, um onus a mais.

O excesso do nosso debito sobre o nosso credito no estrangeiro tem provocado o desiquilibrio cambial que tanto tem contribuido para a vida dificil que todos nós, Estado e particulares, vivemos.

A vinda de estrangeiros seria a vinda de oiro, visto que, em troca do que aqui consumissem em serviços e utilidades publicas e particulares, nos haviam de entregar a boa moeda dos seus paizes, isto é, oiro.

A' medida que esses serviços fossem crescendo, iria aumentando a nossa conta de credito sobre o estrangeiro, até que um dia o nosso credito egualaria os debitos, e, chegaria o momento de aspirarmos a que se verificasse a hipotese inversa, isto é, o nosso paiz credor dos outros, como sucede á Suissa, onde os estrangeiros vão despejar as algibeiras cheias de oiro.

Sobre os lucros que nos trariam os estrangeiros, diz-nos o sr. Anselmo de Andrade.

«Oito ou nove mil contos em oiro, vindos todos os anos para Portugal, enriqueceriam o nosso comercio e concorreriam poderosamente para resolverem o problema do oiro, que é justamente o que mais nos deve afligir, e que os proprios optimistas julgam insoluvel, ou pelo menos o mais dificil e complicado de todos. Os cambios melhorariam por uma necessaria consequencia dessas entradas sucessivas de capitais estrangeiros e esse facto havia de influir por força no barateamento dos objectos importados, de modo que viriam assim a lucrar os productores com o aumento do consumo, e os consumidores com a baixa dos preços. Ninguem dirá que é impossivel obter essa contribuição estrangeira para a fortuna publica e particular do paiz. Não se pode dizer mesmo que isso é dificil».

Não são tão enormes, pois, as vantagens que o turismo nos pode trazer ?

Não melhorariam consideravelmente as condições deste paiz, vendo o Estado alargadas as receitas, encontrando o comercio e a industria novo campo de ação para empregar as suas energias, e acabando-se com a diferença de cambios, que nos torna a vida tão dificil ?

Ainda outra vantagem importantissima nos oferece o turismo, nos seus dois aspetos de saida dos nacionais e entrada dos estrangeiros. O nosso paiz, desgraçadamente, está ainda muito atrazado. Não queremos aqui enaltecer a civilisação geral dos outros povos, nem mesmo dos mais avançados como a França, onde a boçalidade dos seus rusticos resalta eloquentemente nas novelas de Gui de Maupassant. Não nos referimos ás populações rurais que, mais ou menos, vivem num pé de egualdade em todos os paizes, sofrendo a mesma degradação mental, sendo os camponios de hoje, os mesmos da gleba, adstritos á terra que admiravelmente os sustenta, que mancharam as civilisações romanas e da Idade Media, mas ás outras classes, operarios, artistas, profissões liberais, burguezia, etc., que tem lá fóra atingido um grau de cultura que as nossas estão muito longe de possuir.

O operario de Berlim, com a solida educação que lhe deram, é um sabio ao pé do muito bacharel palrador da nossa terra.

Compreende-se bem o que seria o contacto com povos de cuidada cultura mental. Aqueles que daqui saíssem, regressariam naturalmente, com ideias e habitos novos, aprendidos lá fóra, não havendo melhor lição que as viagens e os bons exemplos. Por outro lado os estrangeiros que viessem a Portugal, espalhando-se por esse paiz fóra, percorrendo-o em todas as direcções, chocando-se continuamente com os nacionais, nas ruas, nos teatros, nos hoteis, nos casinos, nos caminhos de ferro, nas praias, nas estações termaes, acabariam fatalmente, por impôr-nos os seus habitos e costumes superiores.

A afluencia de estrangeiros ao nosso paiz, redundaria em beneficios economicos e educativos. Os varios serviços que o desenvolvimento do turismo importa serão suficientes para empregar todos os nossos operarios. Nunca mais se veria esse espetaculo doloroso de centenares de operarios desempregados, reclamando do trabalho, para não morrerem de fome e obrigando os governos a obras escusadas, para lhes dar de comer. E, com o trabalho assegurado para todos os braços, não ficaria resolvido o problema da miseria, o espetaculo vergonhoso e triste dos pé-descalços pelas ruas principais da cidade, mendigos a choramingar esmolas por todos os cantos ?

Parece-nos bem que sim.

José de Ataíde.

Turistes !

O unico manual do viajante no distrito de Aveiro é o Almanaque da Liberdade. Está posto á venda. Preço 300 réis.

Contra as moscas

Como combate-las

A perfeitura da policia francêsa acaba de declarar guerra ás moscas. Fez afixar anuncios nas ruas de Paris, assinalando os perigos destes insectos e pediu ao conselho de higiene do Sena que indicasse os remedios para os extinguir.

O aviso ora afixado, por determinação do conselho superior de higiene, relativo ao perigo que as moscas representam para a saude publica, é concebida nestes termos :

«Vivendo sobre os esterquilinios, as materias fecais e as substancias em decomposição, as moscas depositam os microbios sobre os nossos alimentos e provocam a febre tifoide, a disenteria, a colera e a tuberculose.

Para evitar a propagação destes verdadeiros flagelos da humanidade, deve-se :

I—Proteger os alimentos contra as moscas

Nos restaurantes e lojas onde se vendam comestiveis, os comerciantes devem garantir do seu contacto as materias alimentares. As cosinhas devem estar sempre providas de guarda-moscas e rêdes metalicas.

II—Impedi-las de entrar em casa

Não se deve deixar entrar muita luz nos logares que se querem proteger contra as moscas, impedindo-lhes a entrada com uma pequena rêde de arame.

III—Destruir as moscas onde quer que se encontrem

Papeis mata-moscas, cemiterio das moscas, como se lhes chama no comercio, pós de piretro fresco e de boa qualidade e formol, são excelentes meios de destruir as moscas.

Os vapores de crisol podem tambem mata-las nos locais em que abundam : cavalariças, latrinas, etc.»

IV—Impedir a sua reprodução

As moscas põem os seus ovos e reproduzem-se nos depositos de imundicies e de substancias em decomposição.

Afastem-se, portanto, das habitações os detritos de toda a especie. As cavalariças, estabulos, todos os abrigos para animais devem estar sempre limpos. As fumigações de crisol devem-se fazer nesses abrigos durante o inverno, para destruir as moscas á nascença. Para matar as moscas poedoras e destruir as suas larvas devem aspergir-se as substancias putridas com cloreto de cal, leite de cal, sulfato de cobre em pó e em solução a 20 0|0, e oleo verde de schisto misturado em partes iguais com agua.

Todos os seis mezes, deve-se lançar nas latrinas e na fossa de despejo um litro de oleo verde de schisto adicionado com a mesma quantidade de agua.

Acatando todas estas prescrições todos se podem proteger contra as moscas e evitar os terriveis flagelos de que elas são o principal veículo.

Os grandes incendios

Perto de Agueda, na gandara de Assequins, no dia 15, declarou-se um pavoroso incendio, que, se não fosse a prontidão dos socorros faria prejuizos incalculaveis.

Em Cetriz, um outro incendio queimou videiras e milharais e alguns animais, e na Falgarosa, tambem numa quinta particular, houve fogo que causou prejuizos de tres mil escudos.

Na Golegã, por malvadez, mãos criminosas lançaram fogo a 700 carradas de trigo que estavam numa eira. Os prejuizos são avaliados em 15 contos.

Pela Cidade e pelo Distrito

O sr. Ministro DA Instrução Publica visita as escolas do distrito de Aveiro

O sr. dr. Sousa Junior, ilustre ministro da instrução, visitou, quinta-feira ultima, algumas das escolas do distrito de Aveiro.

A'cerca dessa visita diz o nosso colega *A Montanha* :

«Num magnifico automovel do sr. Domingos da Silva, abastado proprietario e dedicado republicano da Vergada, concelho da Feira, partiu ás 8 horas da manhã, de quinta-feira, a caminho do distrito de Aveiro. Acompanham-no, alem do nosso camarada Bartolomeu Severino, o nosso prezado amigo dr. Elisio de Castro, deputado da nação, e seus filhos Elisio e Fernando de Castro.

Na passagem pelos Carvalhos, no concelho de Gaia, o ministro entrou no internato ali existente, dirigido por um padre. Observou as instalações e inteirou-se da maneira como se observava a neutralidade religiosa no ensino ministrado no colegio.

Dirigiu-se seguidamente ao concelho de Arouca, no extremo do distrito de Aveiro, onde visitou as escolas e tomou apontamentos relativos á frequencia dos alunos e suas condições de assimilação. Apesar de inesperadamente haver chegado, como inalteravelmente o fez durante a sua jornada de *funcionario superior da instrução*, como a si mesmo se designa, conhecido na vila esse facto, apareceram os srs. administrador do concelho, presidente da Camara, dr. Angelo Miranda e outros republicanos a cumprimentar s. ex.ª. Numa das escolas quiz apurar de grau de instrução e desenvolvimento intelectual de alguns pequenos estudantes, interrogando-os para isso, demoradamente.

A viagem proseguiu depois em direitura a Oliveira de Azemeis, onde assistiu ás provas prestadas nos exames do 2.º grau e recebeu do inspector escolar, o nosso amigo, Angelo Vidal, informes detalhados ácerca do ensino primario em todo o circulo escolar de Ovar. O sr. ministro da instrucão ficou, por quanto observou e ouviu, com a melhor das impressões sobre o zelo e a competencia do distinto funcionario dirigente daquele circulo e da generalidade do seu professorado. Graças ás excelentes qualidades desses educadores pôde constatar-se o facto notavel da percentagem de analfabetos neste citado circulo não exceder 30 p. c.

O sr. dr. Jousa Junior foi comprimentado, na sua passagem, pelo administrador do concelho, o nosso amigo Fernão Lencastre, o distinto oficial de artilharia Julio Alegria, varios professores primarios e pelo sr. dr. Correia de Lemos, ex-ministro da justiça.

Prometeu o sr. ministro da instrução vir assistir ás festas que hão-de em breve realisar-se na escola de Valega, oferecida pelos benemeritos srs. José e Manuel de Oliveira Lopes e na de Nogueira do Cravo, oferta do dedicado amigo da instrução sr. Manuel Pereira Godinho».

Em Aveiro visitou o sr. ministro da instrução as escolas das duas freguezias, acompanhado do sr. inspector do circulo e de varias pessoas, dirigindo-se depois ao Bonsucesso, de automovel, acompanhado por Bartolomeu Severino e pelo nosso colega Rui da Cunha e Costa, a fim de visitar o director deste jornal, em casa de quem se demorou alguns minutos, sendo trocados afectuosos cumprimentos de amisade pessoal e solidariedade politica.

O sr. dr. Sousa Junior retirou depois para Aveiro, de onde seguiu para Lisboa, no comboie das 22 horas. Na *gare* do caminho de ferro compareceram a despedir-se de s. ex.ª, entre outros, o nosso ilustre amigo sr. dr. Melo Freitas, dr. Adolfo Coutinho, delegado do procurador da Republica nesta comarca, Bartolomeu Severino, deputado Alberto Souto e Rui da Cunha e Costa. Bartolomeu Severino, nosso colega da *Montanha*, retirou no rapido para o Porto.

A visita do sr. dr. Sousa Junior a esta cidade foi conhecida de poucos, motivo porque, tambem, só um reduzido numero de pessoas lhe foi apresentar os seus cumprimentos.

Carlos da Silva Ribeiro

A passar as ferias escolares, está em Aveiro, devendo demorar-se entre nós, até outubro, este nosso conterraneo, aluno da Escola de Belas Artes, do Porto, e que nos exames realisados naquela escola obteve as seguintes classificações : desenho historico, 4.º ano 17 valores; escultura, 3.º ano, 15; anatomia, 18; arquitectura, 3.º ano, 14; obtendo tambem o 1.º premio pecuniario de desenho.

O sr. Silva Ribeiro, concluido o curso, tenciona ir a Paris demorando-se ali algum tempo.

Felicitamos este nosso patricio pelos bons resultados obtidos ultimamente.

Recenseamento eleitoral no concelho de Aveiro

O numero de eleitores inscritos no recenseamento de 1911 era de 3117 assim divididos por freguezias :

Arada, 347; Cacia, 533; Eirol, 90; Eixo, 263; Esgueira, 334; Gloria, 533; Nariz, 88; Oliveirinha, 176; Requeixo, 163; e Vera Cruz, 790.

Os que não tinham a nota de saber lêr e escrever ou a de elegivel, os mortos, os ausentes, etc. eram em n.º de 196 na primeira; 222 na segunda; 47 na terceira; 185 na quarta; 301 na quinta; 242 na sexta; 69 na setima; 71 na oitava; 126 na nôna; e 564 na decima. Nesta, a grande parte era constituida pelo elemento militar, hoje pertencente á classe civil por ter acabado o tempo de serviço e tambem em numero bastante colocado noutros corpos.

Os requerimentos a tempo entregues na secretaria municipal pedindo a inscrição, foram :

Para Arada, 10; para Cacia, 18; para Eirol, 8; para Eixo, 42; para Esgueira, 178; para a Gloria, 196; para Nariz, 25; para a Oliveirinha, 110; para Requeixo; 92; e para a Vera Cruz, 186, ou seja uma totalidade de 869.

Ficaram, pois, recenseados, com os que transitam de 911, 1913 cidadãos, sendo :

157 em Arada; 129 em Cacia; 51 em Eirol; 119 em Eixo, 197 em Esgueira; 475 na Gloria; 44 em Nariz; 204 na Oliveirinha; 131 em Requeixo; e 407 na Vera Cruz.

Ha, pois, do ultimo recenseamento para o actual, uma diferença apenas de 1:204 eleitores, da qual o menor numero é o dos eliminados por falta de capacidade eleitoral.

Dos que requereram, 30 não juntaram documentos; 6 repetiram os requerimentos; 18 requereram sem necessidade de o fazerem por que lhes tinha sido mantida a inscrição anterior e 2 não tem a idade.

Assim, nos 860 requerimentos apresentados, ha ainda a abater estes, em numero de 56, que não figuram já na totalidade transcrita, de 1913, numero egual ao do ano que atravessamos.

Tourada

Dizem-nos que no proximo dia 31 se realisa na Mealhada uma grandiosa corrida de touros em que tomarão parte como cavaleiros Manuel e José Casimiro, e como bandarilheiros, os mais conhecidos e notaveis do paiz.

RUI DA CUNHA E COSTA
SOLICITADOR ENCARTADO
(Representante do Dr. Cunha e Costa)

Assuntos forenses, comerciais e civis

Trata de quaisquer pretenções em repartições publicas, legalisação de documentos etc.

ESCRITORIO—Rua de Manuel Firmino, n.º 5.—Aveiro.

(Aberto todos os dias das 10 ás 16 horas)

Divida publica

Foi prorogado até 29 do corrente o praso para os possuidores do emprestimo de 4 1|2 p. c. de 1912 para os caminhos de ferro do Estado declararem, por escrito, na secretaria da Junta do Credito Publico e na sua delegação no Porto, se preferem os seus titulos definitivos com assentamento, de uma ou 5 obrigações, ou ao portador de 5 obrigações.

Os titulos provisorios que não forem apresentados consideram-se para a emissão dos definitivos como titulos de uma obrigação e ao portador, podendo entretanto ser depois trocados, nos termos do regulamento da Junta de 8 de outubro de 1900.

Notas pessoais

Esteve em Aveiro o sr. Artur Pinheiro, escrivão em Pombal.

+ Na nossa redacção esteve o sr. Joaquim Rodrigues das Neves, professor em Lisboa.

+ Já regressou de Caldelas a esta cidade o sr. Octavio de Pinho.

+ Da Barra para Aveiro tambem já retirou o sr. Lima e Castro.

+ Com sua famila está na praia de Espinho o sr. dr. Joaquim Rodrigues d'Almeida, a uso de banhos.

+ Partiu para Entre os Rios, o sr. Aristides de Seabra.

+ A passar as ferias judiciais, chegou a Anadia, o sr. Artur de Campos, sua esposa e filhinhos.

+ Esteve na nossa redacção o sr. Carlos da Silva Ribeiro, estudante de Belas Artes, do Porto.

+ Está em Aveiro o sr. Manoel Firmino de Almeida Ferreira, escrivão em Vouzela.

+ Encontra-se doente desde alguns dias, o ilustre professor do Liceu, desta cidade, sr. Agostinho de Sousa, nosso prezado amigo.

Estimamos as suas melhoras.

+ Esteve na nossa redacção o sr. dr. Vasco Rocha, de Vagos.

+ Completou ontem 13 primaveras a filha do sr. Domingos Campos, D. Maria de Lourdes de Barros Portugal Pereira Campos

+ Consorciou-se ha dias, nesta cidade, o alferes de infanteria 24, sr. Antonio Ernesto de Almeida, com a filha do tenente-coronel sr. José Domingues Peres, D. Georgina Peres.

+ A tratar de assuntos respeitantes ao seu circulo tem estado em Lisboa o sr. dr. Manuel Alegre.

+ Regressaram do Farol a esta cidade o sr. Laurelio Regala e sua esposa.

+ Tambem de S. Pedro do Sul regressou o sr. Manoel Barreiros de Macedo.

+ Está em Espinho o sr. dr. José Marques Loureiro.

+ Tambem se encontra naquela praia, o sr. dr. Zeferino Borges, com sua esposa e filhos,

+ Para o Gerez, acompanhado de sua esposa, partiu o sr. dr. Lourenço Peixinho.

Torturas aos presos

Uma das facetas do vivo ataque á Republica, por parte dos seus inimigos, que ora andam a monte por terras estranhas, é aquela que se refere insistentemente ás torturas infligidas aos prisioneiros politicos. Está provado, provadissimo até á saciedade, que esse ataque, além de não ter o minimo fundamento de verdade, é uma arma vil e infame, pois assim querem os traidores demonstrar que a Republica usa os mesmos processos de algumas das republicas americanas, onde ainda impera a tradição dos tiranos e dos pronunciamentos militares, processos que a monarquia adotou em Portugal, nos ultimos anos da sua agonia.

Pois agora demonstra-se, que essas torturas vão tão longe, que até os prisioneiros se podem fotografar em grupo, com insignias e fardamentos militares que perderam pelo seu odio ao novo regime. Foi o caso que se deu recentemente no Limoneiro, cuja reprodução grafica veio nos jornais.

Passeios

As sociedades de recreio desta cidade, solicitas sempre em proporcionar aos seus associados e suas familias agradaveis passatempos, sairam no domingo para os arredores, onde foram comer os seus farneis.

Assim, a sociedade Recreio Artistico fazendo-se acompanhar da banda dos Bombeiros Voluntarios, em comboio especial da companhia do Valle do Vouga, foi á Ponte da Rata; e o Club dos Gallitos, em barcos, com a filarmonica José Estevam foi em passeio á Mata de S. Jacinto.

O regresso, tanto duma sociedade, como da outra foi já tarde, pois eram 9 horas da noite quando chegaram a Aveiro.

No jardim publico, onde tocou a banda de infanteria 24, tambem se passeiou o ouviram bellos trechos de musica, admirando-se os trajos garridos das damas.

Estrada da Barra á Costa Nova

Na estrada que liga as praias da Barra e Costa Nova tem-se procedido, ultimamente, a algumas reparações.

E', talvez, a unica forma de a ir conservando se bem que nos pareça que são tais os defeitos de construção que não resistirá ao proximo inverno.

"A Tricaninha,,

Ovos moles, mexilhão, peixe de escabeche e outras especialidades.

Peçam tabela de preços.

=†=

BERNARDO TORRES & C.ª
AVEIRO

MILHO

Conforme dissémos, o governo permitiu, no intuito bemfazejo de acudir á calamidade da falta de milho, a importação de nova quantidade desse cereal com o pagamento apenas de 9 reis de direitos.

Dessa quantidade e a solicitação das camaras dos diversos concelhos do distrito, virão para Aveiro 557,8 toneladas, assim divididas :

Agueda, 10; Albergaria-a-Velha, 10; Anadia, 30; Arouca, 30. Castelo de Paiva, 15; Espinho, 70; Estarreja, 6; Macieira de Cambra, 21,5; Mealhada, 20; Oliveira de Azemeis, 20; Oliveira do Bairro, 21; Ovar, 280; Sever do Vouga, 14,3; e Vagos, 10.

Segundo aquele decreto a importação é até um milhão de quilogramas de milho proveniente das nossas colonias. E' permitida até 25 de setembro, e espera-se que algumas das nossas colonias, especialmente a de Angola, se aproveitem das facilidades que o citado decreto concede ao milho ali produzido.

ENGANO

Acaba de conhecer-se que as estatisticas sobre o analfabetismo em Portugal teem andado até agora erradas. Teem-se incluido os menores de um a sete anos de idade, que de direito não podem ainda entrar no numero dos analfabetos, e os individuos de idade provecta, que, ao tempo em que podiam adquirir a instrução primaria não tinham escolas para esse fim, por ser reduzidissimo o seu numero em todo o paiz.

Este êrro vai ser devidamente corrigido, o que diminuirá sensivelmente a percentagem do analfabetismo portugues.

Moedas de ouro da Republica

O sr. ministro da finanças aprovou ante-ontem o programa do concurso para a cunhagem da nova moeda em ouro da Republica Portuguesa. O concurso ha-de abrir-se, e a nova moeda cunhar-se-ha, apezar de não haver lucros de amoedação.

A Republica precisa de ter a sua moeda de ouro, e te-la-ha, afirmando a sua prosperidade, a sua victoria sobre todas as cabalas e a má fé dos maldizentes.

Noticias várias

Gemem os fios dizendo que no dia 4 de Setembro proximo—mez dos cachos e do vinho mósto—se realisa finalmente o tão apregoado casamento do pequeno que tornou historica a barca Bomfim, da Ericeira.

Pois então muita saude . . . e meninos.

⁂ Para a festa que no dia 8 de Setembro é de uso fazer-se na Torreira, ao S. Paio, já está organisada uma comissão que tratará dos festejos.

⁂ Na mata de Valverde, perto de Alcacer do Sal, será brevemente instalada a primeira colonia penal agricola. O sr. ministro da Justiça, acompanhado dos seus secretarios e arquiteto sr. Rosendo Carvalheira foi ali ha dias examinar de *visu* a sua situação e adaptação.

⁂ Começaram no dia 15 e terminaram em 30 de Setembro, as ferias judiciais.

Aos nossos assinantes

Vamos enviar, pela segunda vez, para o correio, os recibos das assinaturas da "Liberdade,, que, por qualquer circunstancia, nos foram devolvidos. A todos os nossos assinantes rogamos a fineza de satisfazerem a sua importancia logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim maiores despezas.

Festas

Nos dias 23, 24 e 25 do corrente em Cucujães realisam-se imponentes festas ao martir S. Sebastião, tomando parte nelas, tres bandas de musica: a de infanteria 24, a de S. João da Madeira e a da freguezia de Cucujães.

Haverá iluminações e fogo fornecido por 4 pirotecnicos.

Festejos de S. Simão na Quintã do Loureiro

Aviso aos feirantes

Previnem-se os interessados que costumam concorrer com as suas manufacturas ou produtos agricolas á feira de S. Simão, que a festa será transferida, a partir deste ano, para o primeiro domingo do mez de Setembro (S. Miguel).

O Juiz e presidente da comissão dos festejos
João Afonso Fernandes.

Artigo

O que hoje publicamos em fundo pertence ao nosso colega «A Patria» de Lisboa.

Barcos novos

Já flutua mais um nas nossas aguas. E' duma elegante construção, foi feita sob a direcção do sr. Firmino Huet e pertence ao sr. Antonio Rocha, que em homenagem a João Mendonça lhe fez colocar á pôpa o retrato do malogrado administrador de Cabeceiras.

=†=

Estão ainda em construção, para serem lançados brevemente á agua, mais tres barcos assim, movidos a helice, e que pertencem um ao sr. padre Antonio Duarte Silva, outro ao sr. Firmino Huet e outro ao sr. dr. Marques da Costa.

Anadia

Anadia, 15

Terminaram ontem os exames do 2.º grau nesta vila. Este ano sómente aqui se efectuaram os dos requerentes deste concelho, visto que os outros concelhos deste circulo escolar (Agueda, Oliveira do Bairro e Mealhada) os obtiveram tambem a pedido das respectivas camaras.

Os requerentes para estes exames, neste concelho, foram em numero de 56 do sexo masculino e de 17 do sexo feminino, dando os exames o seguinte resultado :

Sexo masculino	
Aprovados	35
Distintos	17
Reprovados.	4
Sexo feminino	
Aprovadas	12
Distintas	5

C.

=⁂=

AGUIM, 7

Teve lugar ontem uma excursão promovida pelos biciclistas desta povoação.

O trajecto foi o seguinte : saída do largo da Virgem desta povoação ás 7 horas, indo directamente á Borralha aonde visitaram a gruta existente no jardim do sr. Conde Sucena, seguindo depois para Agueda, aonde almoçaram e dali para Fermentelos aonde comeram um lauto jantar á beira da pateira, regressando a esta povoação ás 22 horas.

Durante o percurso, que foi de uns 50 kilometros, não houve desastre digno de mensão.

—A colheita do milho este ano é muito diminuta devida á muita falta de agua que houve e ao calôr excessivo que fêz. A colheita do vinho promete ser regular, sendo muito provavel, se o calôr que actualmente faz, continuar, que o seu producto seja tambem diminuto.

Tudo se inclina para um verdadeiro ano de fome e miseria.—*(C.)*

ADVOGADO

João Ferreira Gomes, professor efectivo do Liceu de Aveiro, e antigo conego da Sé de Vizeu, abriu o seu escritorio de advogado na rua da Revolução, n.º 3, 1.º andar (antiga Avenida Conde de Agueda).

Almanaque de "A Liberdade,,

O Manual do Viajante no Distrito de Aveiro e Almanaque da *Liberdade* vende-se nos seguintes estabelecimentos:

Em Aveiro: Bernardo Souza Torres (aos Arcos), João Vieira da Cunha (Rua Direita), Pompilio Ratola (Avenida Bento de Moura).

Em Agueda: Casa Castella.

Em Ovar: Francisco de Matos.

No Porto: Lelo & Irmão (Carmelitas) Lopes & C.ª (Rua do Almada). J. Pereira da Silva (Largo dos Loios), Magalhães & Moniz (Largo dos Loios).

Em Coimbra: F. França Amado (Rua Visconde da Luz). J. Moura Marques (Rua Visconde da Luz).

Em Braga: Cruz & C.ª. Guilherme de Carvalho.

Em Oliveira de Azemeis: Antonio José Ferreira. Adelino Dias de Carvalho.

Em Lisboa: Livraria Ferreira Lim.ª (Rua do Ouro). J. Rodrigues & C.ª (Rua do Ouro). Livraria Aillaud & C.ª (Chiado). Francisco Franco (Travessa de S. Domingos), Tabacaria Monaco (Rocio).

O Almanaque da *Liberdade* vende-se ainda, em varios estabelecimentos de Albergaria-a-Velha, Anadia, Espinho, Estarreja, V. da Feira, etc.

* * *

O Almanaque de «A Liberdade» custa apenas 300 réis.

Leiam

De profundis

Extraordinario romance de combate original de Eduardo de Aguilar e consagrado ao insigne Estadista dr. Afonso Costa

De profundis, é um soberbo trabalho literario, um dos romances mais vibrantes que se tem escrito em lingua portuguêsa. **Prende a atenção. Deleita o espirito. Entusiasma, Scenas brilhantissimas personagens admiraveis.**

Um grosso volume em grande formato 500 reis, á cobrança mais 50 reis.

Importantissimo—O produto liquido do romance *De profundis* será oferecido ao insigne Estadista dr. Afonso Costa, para que s. ex.ª o entregue á *Tutoria da Infancia*, uma instituição patriotica de que é um dos fundadores.

Essa importancia será acompanhada de um luxuoso album em pergaminho, contendo os nomes e residencias de todos aqueles que, cheios de devotado patriotismo e demonstrando espiritos verdadeiramente liberais, adquiram o *De Profundis*, que é um terrivel golpe atirado ao jesuitismo.

De todos os nomes que honrem esse album, será feita a publicidade nos jornais mais lidos da capital.

Todos os pedidos do *De Profundis* pódem ser feitos á redacção de *A Voz da Instrução*, Praça do Rio de Janeiro, 5, r/chão—Lisboa, ou ao depositario do romance o ex.mo sr. *Teodoro Pombo* conhecido o conceituado comerciante com escriptorio na Rua do Arco do Bandeira, 92, 2.º—Lisboa.

Anuncio

Vende-se uma junta de bois, ou um só. Teem sete anos. Trabalham bem e são muito mansos. A sua côr é castanho-escuro, de peitos largos e caidos. Chifres regulares e bem postos; de largo bojo e tendo de altura um metro e cincoenta. Quando não come ou não trabalha, deita-se.

Vende-se tambem um cavalo de tres anos, manso, ainda em manada e sem ensino, de côr castanho-claro, bem arraçado, medindo um metro e cincoenta.

Quem pretender dirija-se a José Rodrigues Pardinha, de Sarrazola, freguezia de Cacia, no distrito de Aveiro.

Casa

Vende-se uma, na rua de Santo Antonio, com quintal, arvores de fructo e poço.

Nésta redacção se diz.

Nutricia de Lisboa

Produtos desta casa a vender em Aveiro:

Extrato de malte em pó, Chocolate com aveia, marca *Cavalo branco;* Café de cevada, Farinha de Nestlé, Alpina, Bledine, Aveia. Cevada e Arroz. Massas alimenticias para regimen. Bolachas, etc., etc.

Alberto João Rosa
33-A, Rua Direita, 33-B
AVEIRO

A LIBERDADE
vende-se:

Em **Londres,** na Libraria Hispano-Americana, Charing, Cross-Road, 134;

Sempre frescas!

Agua de Lombadas.
Agua de Melgago.
Agua das Pedras Salgadas—Penedo.
Agua das Pedras Salgadas—D. Fernando.
Agua de Vidago—Fonte Vidego.
Agua de Vidago—Sabroso.
Agua de Vidago—Campilho.
Agua de Entre-os-Rios.

Só na Farmacia Central
DE
FRANCISCO DA LUZ & FILHO
Rua dos Mercadores
AVEIRO

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor—ALBERTO SOUTO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.
Não se devolvem autografos.
Não se aceita colaboração que não seja pedida.
Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis
(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)
Brazil (moeda forte)
outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis
(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

Linha . . . . . 40 réis
Anuaes, contrato com a administração.

Redação e administração
AVEIRO
Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar
(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas
P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.
(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)
Impressão a vapor
LARGO CAMÕES
Administrador
RUI DA CUNHA E COSTA

NOVIDADE LITERARIA

CAVANDO A RUINA

NOVELA
POR
RENATO FRANCO

Episodios da vida local

Preço 50 centavos

Editor—Bernardo Torres

A' venda na Tabacaria Havaneza, aos Arcos.

AVEIRO

Leitões

Cruzamento de Berkschire e javali.

Vendem-se 4 casais a 10:000 reis cada um.—Falar com Zeferino Borges—AVEIRO.

"A LIBERDADE,,
vende-se

Em **Aveiro**, no quiosque da Praça Luiz Cipriano e na Tabacaria Veneziana, aos Arcos;

MOTOCICLETES BICICLETES

MAQUINAS DE COSTURA MAQUINAS DE ESCREVER

AUTOMOVEIS

GRANDE deposito de MOTOCICLETES **Wanderer**, BICICLETES **Woerner** e outras marcas a começar em 21$000 réis, com mala chaves e bomba.

MAQUINAS FALANTES E DISCOS. Maquinas de costura e de escrever, da fabrica **Wanderer**. Todos os acessorios para as mesmas.

Oficina de concertos e reparações rapidas e garantidas. Garage para reparações e pernoita de automoveis. Oleos e gazolina.

Aluguer de bicicletas, motocicletes e automoveis.

Grande deposito de calçado em todas as cores e qualidades. Alfaiataria, aonde se executa toda a obra para homem, senhora e creança e os celebres gabões de Aveiro e sobretudos da moda.

Agente de automoveis "Charron,, e "Darraq,,

As MOTOCICLETES **Wanderer** foram as que tiveram o grande triunfo do circuito do Minho.

As BICICLETAS **Woerner** teem sido premiadas em todas as exposições onde teem concorrido.

Podem ser procurados em todas as feiras de 15, em Santo Amaro, (R. do Calçado)

ABEL GUEDES DE PINHO & C.ª — Ovar

Empreza Industrial Portugueza

SECÇÃO DE AGRICULTURA

Rua Vasco da Gama, 1 a 13
Avenida das Côrtes, 47 a 49
LISBOA

Completo sortimento de *charruas* para toda a qualidade de lavoura, terreno ou força.

Rêlhas de ferro especial temperado ou aço. Grande deposito de *peças* de sobrecelente, moldadas mecanicamente, para completa garantia de ajustamento. Preços e qualidades sem competencia alguma, devido ao que se acha largamente espalhado o nosso material por todo o país.

Importação direta de todos os *aparelhos* da melhor reputação conhecida para a nossa agricultura, como: *ceifeiras* simples ou atadeiras, *gadanheiras, respigadores, descaloladores, tararas, escolhedores* de semente, *enfardadeiras* para força manual, a gado ou a vapôr, *bombas* para poço, rega ou trasfega de vinho, azeite, etc. *Automoveis* economicos, de 1.ª qualidade.

Remete-se a quem pedir, *catalogos, informações* ou *orçamentos*, escrevendo para

Rua Vasco da Gama, 1 a 13—Avenida das Côtes, 47 a 49

Lisboa

Dinheiro

Ha para compra de propriedades, ipotécas, consignações de rendimentos, usufrutos, etc.

RAPIDEZ NAS TRANSAÇÕES

Casanova da Fonseca

R. da Assunção, 67-2.º

(ESQUINA DA RUA AUGUSTA)

LISBOA

TELEFONE 3418

Cartões de visita

Com perfeição e rapidez, imprimem-se nesta tipografia por preços modicos.

PADARIA MAGEDO

Praça do Comercio
AVEIRO

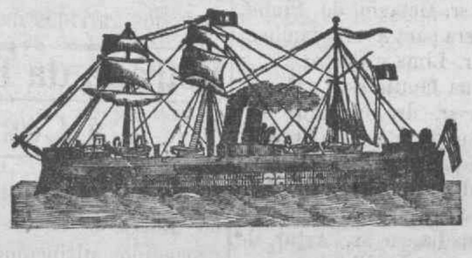
Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as delicio sas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Hamburg Suedamerikanische Dampischifffahrts Gesellschaft

HAMBURG-AMEIKA-LI NI



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BURNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

Plantas americanas

Barbados e enxerto das castas mais produtivas e resistentes, enxertos de pereira de excelentes qualidades.

Vende:—Manuel Rodrigues Pereira—REQUEIXO.

A cura rapida da
ANEMIA, C' OROSE, FEBRES PALUSTRES OU SEZÕES,
obtem-se com a

Quinarrhenina

e consideraveis melhoras na **TUBERCULOS''.**

Na **CONVALESCENÇA** da maior parte das doenças é insubstituivel.

Em poucos dias de tratamento constata-se aumento de peso, de apetite e recuperamento de forças.

Não produz perturbações gastro-intestinaes como sucede com os outros tonicos.

Premiada nas Exposições de Londres, Paris, Roma, Anvers e Genova com 3 grandes premios e 5 medalhas de ouro.

Na de Barcelona—membro do jnri—as mais altas recompensas.

Frasco 810 réis.

A' venda nas boas farmacias do paiz e colonias.

Depositos: AVEIRO—Farmacia Reis; ANADIA—Farmacia Maia etc., etc.

Deposito geral: LISBOA—Farmacia Gama, Calçada da Estrela, 118.

Tosses E GRIPE curam-se rapidamente com o **Xarope Gama** de creosota lato-fosfatado.

Frasco 610 réis

Depositos: os mesmos da *Quinarrhenina.*

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Unico depositario dos cotões americanos marca MILLS e EXTRA, proprios para velas de barcos.

Licores, xaropes e aguardente. Papelaria, objectos de escritorio e diversas meudezas. Breu preto, louro e cru. Utensilios para amanhos de barcos. Cordeame e poleame.

Adubos

quimicos, compostos e organicos

Sulfato de cobre puro de 99 a 100 °/o.
Enxofre e flôr de enxofre.
Arames lisos zincados.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Remetem-se tabelas de preços.

Depositos em Quintãs e Mamodeiro

Virgilio S. Ratola
Mamodeiro

O Almanaque de «A Liberdade» e Manual do Viajante no distrito de Aveiro encontra-se á venda em muitas livrarias do paiz.

Bandeira de milho

DO

Ribatejo

O que ha de melhor no genero para alimento de bois de trabalho e vacas de leite.

Vende-se enfardado, por wagons completos ou em pequenas quantidades não inferiores a 40 fardos.

Pedidos a

José de Vasconcelos

GOLLEGÃ